

ENSINANDO MODOS DE SER UMA ADOLESCENTE... HETEROSSEXUALMENTE PREVENIDA*

DAZZI, MIRIAN D. BALDO

Unisinos.

Mestra em Educação. Professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. <diterdazzi@cpovo.net>

Palavras chave: HIV/AIDS; Mídia; Ensino; Gênero e educação sexual.

SITUANDO O ESTUDO

Nesse estudo analiso os discursos que se articulam numa mídia educativa, produzida pelo Ministério da Saúde, em parceria com o Ministério da Educação, para capacitar professores/as na prevenção do HIV/AIDS. Trata-se, mais especificamente, no caso desse texto, de um programa da série de vídeos educativos denominada *Prevenir é Sempre Melhor* – veiculada dentro do *Salto para o Futuro*, que compõe a grade de programas da *TV Escola* – intitulado *É preciso estar atento e forte*.

A série *Prevenir é Sempre Melhor* ancora-se em ações configuradas como estratégicas para capacitar professores/as à distância, o que envolveu, por exemplo, a criação da Secretaria de Educação a Distância (1996), a implantação da *TV Escola* (1995) e a vinculação com a produção do Programa *Salto para o futuro* (1991), ações que demandaram a aplicação de recursos financeiros de grande monta e o envolvimento da estrutura administrativa de Estados e Municípios.

Destaco, assim, que essa vinculação toma o cunho de uma ação interministerial, já referida neste trabalho, o que lhe confere um *status* diferenciado frente a outros programas semelhantes sobre educação que envolvem professores/as habilitados/as em diversas áreas do conhecimento, como biólogos/as, pedagogos/as, professores das séries iniciais do Ensino Fundamental entre outros/as. No caso da série *Prevenir é Sempre Melhor*, os/as especialistas são convocados/as a falar aos/as professores/as sobre DST/AIDS.

Os programas incluem, então, entre seus participantes, tanto especialistas da saúde, médicos/as, enfermeiros/as, infectologistas, epidemiologistas (nela configurados como os sujeitos habilitados para falar aos/as professores/as, alunos/as, pais e comunidade em geral) quanto especialistas de outras áreas do conhecimento, como psicólogos/as, sociólogos/as, terapeutas familiares ou sociais.

Portanto, trata-se de uma série de vídeos que busca intervir na “construção de uma conscientização” relativamente às questões de prevenção de HIV/AIDS, onde “Educar para a saúde”, empregando meios que potencializam a divulgação de informações, procedimentos, “modos corretos de agir”, normatização para cuidar e prescrições para o cuidar-se, concorre para controlar as doenças, diminuir o número de sujeitos doentes e preservar a saúde da população.

* Este trabalho é parte da minha Dissertação de Mestrado, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A educação em saúde na contemporaneidade, em suas diferentes vertentes teóricas e políticas são apresentadas como instâncias para as pessoas ou mesmo os grupos tomem as “decisões certas”, com o objetivo de que possam viver vidas saudáveis atuando como multiplicadores dessas decisões em suas famílias e comunidades. Porém, o que gostaria de argumentar é que ao se apresentarem modos de falar sobre a sexualidade e sobre HIV/AIDS, está-se produzindo e regulando as questões a eles vinculados. O “discurso da saúde para educar” e, em particular, o vídeo educativo analisado, carregam representações, conferem significados aos agentes causadores, aos sujeitos contaminados, construindo uma “episteme de significações” para o HIV/AIDS.

O vídeo educativo que selecionei para análise é tomado aqui neste estudo como uma pedagogia cultural o que aponta para a idéia de que o conhecimento é aprendido e está presente em variadas instâncias culturais.

Disso decorre a compreensão de que os sujeitos são constituídos não só pelo fazer da educação escolar, mas também nas pedagogias culturais, vistas como todas as ações produzidas na e pela cultura.

O MATERIAL

Os programas iniciam após a apresentação de uma vinheta, com algumas considerações feitas rapidamente ao estilo de um telejornal.

O *primeiro momento*, dura aproximadamente 25-30 minutos, nele se faz a introdução do tema em discussão pela apresentadora. Logo em seguida, dá-se a simulação de um “programa de auditório”, o quadro intitulado *Bate-papo legal*. A discussão central, no *Bate-papo legal*, é a sexualidade e os modos de “proteger-se” de HIV/AIDS.

Segue-se uma a discussão, pelos/as especialistas, das colocações, comentários, questionamentos ou perguntas formuladas pela apresentadora a partir das discussões que transcorreram entre os/as jovens no *Bate-papo legal*. Ao responder, os/as especialistas apresentam normas, regras, caminhos, dão orientações sobre como agir, ao mesmo tempo em que falam sobre modos de precaver-se e sobre quais procedimentos devem ser evitados para prevenir-se contra HIV/AIDS.

No *segundo “grande” momento* são inseridas cenas e narrativas de projetos realizados em diferentes comunidades que tratam de ações que “deram certo”. Também são apresentadas seqüências de cenas de alguns filmes que fizeram parte do quadro *Bate-papo legal* ou novos filmes.

CORPO FEMININO: QUE LINGUAGENS OPERAM NA SUA PRODUÇÃO?

Procurando nas contribuições dos campos dos Estudos Culturais e dos Estudos Feministas, principalmente aquelas teorizações que se aproximam da perspectiva pós-estruturalista, ferramentas para descrever, analisar e entender os modos de produção dos corpos femininos, buscando visibilizar como algumas práticas, que se entrelaçam no meio social, acabam por posicionar **as mulheres jovens** como responsáveis pela prevenção (tanto da gravidez quanto do HIV) nas práticas sexuais, devendo estas se manter *atentas e fortes* e, da mesma forma, representando os corpos jovens masculinos como incontroláveis. Interessa-me perguntar:

1. Como estas aprendizagens posicionam, no caso desse filme, jovens meninos e meninas em relação à prevenção das DSTs, AIDS, gravidez? Com que efeitos?
2. Como eles estão envolvidos nos processos de hierarquização e legitimação de algumas identidades em detrimento de outras?

No contexto da chamada *virada lingüística*, entendo que qualquer elemento que integre o visível, que esteja associado ao ato de olhar constitui-se num ato de poder, presente na seleção das imagens, enquadra-

mento de câmera, planos, luz, som, entre outros elementos – linguagens – que acabam por fixar determinados significados, posicionando os sujeitos de uma forma (e não de outra).

Argumento que toda imagem é uma representação e que a “verdade” da imagem, ou as condições de sua construção e os efeitos sociais que ela produz, opera na produção corpo feminino.

ENSINANDO MODOS DE SER...

Como já referi, *no segundo segmento*, dá-se a simulação de um “programa de auditório”, o quadro intitulado *Bate-papo legal*, do qual participam cerca de trinta jovens (rapazes e moças), sentados em duas arquibancadas laterais, que são entrevistados/as por uma “animadora”. Ao fundo do cenário, é possível ver-se um telão, usado para projeção de filmes – filmes esses empregados para desencadear o debate entre os jovens.

Os fios dessa análise começam a ser tecidos desde o momento que no fundo do cenário surge a cena que antecede o filmete em questão.

Dessa forma, pretendo explorar como uma única cena, com poucos segundos de duração, que se projeta no início da apresentação do filmete, está inscrita por vários discursos, dos quais emergem a figura de uma jovem altamente erotizada, apresentada como supostamente natural, reflexo do “real”, mas tida por mim como produção desse conjunto de enunciados que se articulam permitindo que alguns discursos sejam tomados como verdadeiros ou falsos.

Projeta-se numa tela azul a silhueta de três corpos femininos desnudos, corpos curvilíneos, insinuantes, dançando, movimentando-se sensualmente, braços erguidos, as mãos são levadas aos cabelos, longos e soltos, sugerindo um strip-tease.

(Aparece uma menina, Débora (1) sentada num sofá e escuta-se alguém bater na porta)
(1) Oi...
(2) Ai, Débora, Débora, cê não sabe o que me aconteceu...
(1) Calma, que desespero...
(2) Eu tô grávida, de 3 meses, e o cara deu no pé, meu pai vai me matar quando souber...
(1) Que é isso? O que aconteceu?
(alguém bate na porta)
(1) Espera um minuto...
(3) Débora... socorro... Eu tô com AIDS, Débora... meu Deus... Olha, o médico disse que eu não tenho cura...
(*incompreensível*), ele disse que a gente fica pele e osso, doente... meu Deus... eu vou me matar...
(1) Calma, calma, a gente vai te ajudar. Mas... conta a história desde o início.
(3) O Júnior... eu só tô saindo com ele...
(2) Júnior?! Mas eu tô grávida dele...
(3) Grávida?!
(1) Eu tô saindo com ele...
(2) Será que nós estamos com AIDS?!
(Corte. Aparece a menina 2, em primeiro plano, abrindo uma porta)
(2) Boa tarde doutor...

Filmete intitulado *Três Histórias* – trecho *As Amigas*, sobre os temas AIDS e gravidez, produzido na *Oficina de vídeo da Rocinha/RJ*. Programa 08/1998 – Adolescentes – Prevenir é Sempre Melhor – Tema: É preciso estar atento e forte – decup., p. 2.

Após a apresentação do filmete, a animadora faz algumas perguntas a platéia e, ao fazê-las, também participa da produção de efeitos de sentido.

Vejamos alguns comentários que a animadora faz sobre a situação:

Bom, vocês viram aí três amigas, que eram tão amigas, tão parecidas, tão a ver uma com a outra, que acabaram transando com o mesmo cara, uma delas até ficou grávida. Quer dizer, se uma delas ficou grávida e as outras duas ficaram na dúvida, é sinal de quê?

Adriana Riemer – animadora

Programa 08/1998 – *Adolescentes – Prevenir é Sempre Melhor* – Tema: *É preciso estar atento e forte* – decup., p. 2.

As três estavam sem camisinha quando transaram... ahá... então eu quero saber o seguinte: quais são os comportamentos de risco para você pegar AIDS? O que que as pessoas fazem que elas acabam com AIDS, tá? Vamos lá...

Adriana Riemer – animadora

Programa 08/1998 – *Adolescentes – Prevenir é Sempre Melhor* – Tema: *É preciso estar atento e forte* – decup., p. 2.

Estas cenas são usadas para desencadear a discussão com os/as jovens sobre HIV/AIDS. Nelas, três jovens meninas descobrem terem “partilhado” um mesmo parceiro (namorado?), que está contaminado pelo vírus da AIDS, sendo que uma delas está grávida, e outra, contaminada.

As jovens mulheres são posicionadas como descuidadas por não terem exigido o uso do preservativo, ou melhor, elas não negociaram o uso do preservativo, elas não impuseram condições. É imputado a elas a responsabilidade pelo controle de seu próprio corpo, a responsabilidade de se prevenir da infecção do HIV.

Ao representar a AIDS como uma doença que pode ser evitada pela responsabilidade feminina, endereça-se aos/as jovens enunciados, proposições e crenças normalizadas nos discursos que circulam na cultura, legitimam-se “modos femininos” e “modos masculinos” de ser jovem em “tempos de AIDS”.

O que também está em foco é o uso ou não da camisinha para evitar a AIDS e a responsabilidade que as meninas têm na negociação do seu uso. Caberia a elas ter presente que “os meninos podem transar livremente com quantas meninas quiserem” – isso lhes é autorizado e garantido socialmente – e, então, a elas caberia a tarefa de “cuidar de si”, não se deixando contaminar e, tampouco, engravidar.

Não está sendo questionado, como ocorreria anos atrás, o fato de meninas bastante jovens transarem – o que é colocado em destaque é elas terem transado sem estar “protegidas”. Disso decorreu a situação aflitiva em que foram colocadas: elas não só se descobriram “traídas”, na medida em que nenhuma sabia estar partilhando o namorado com as demais, como vulneráveis por não imporem condições para a “transa”.

Esse modo de unir a sexualidade à AIDS como uma forma de prevenção corporificada nas práticas sexuais dos/das adolescentes e a elas associar a gravidez na adolescência põem em circulação e funcionamento os processos permanentes de sujeição e produção de corpos heterossexuados. Esses corpos, falados nessa mídia educativa, podem ser entendidos a partir dos estudos de Foucault (1998) sobre a loucura e a sexualidade infantil, como sendo constituídos, colonizados, subjugados, utilizados, transformados, deslocados, desdobrados. Esses corpos são produzidos pelos mecanismos e as formas, técnicas e táticas de que participam especialistas, notadamente médicos/as.

Outro aspecto que gostaria de problematizar, e que também pode ser encontrado não só nessa situação, mas em quase todos os outros programas, é o de que a AIDS, apesar de ser uma doença sexualmente transmissível, ou seja, qualquer sujeito “sexual” pode “pegar” AIDS, é referida como contagiando especialmente as meninas nos casos contados, descritos e/ou, narrados. Destacar reiteradamente as jovens mulheres como aquelas que precisam “se cuidar” para não engravidar e também para não pegar AIDS é uma forma de representá-las como potencialmente suscetíveis a essas duas problemáticas quando realizam práticas sexuais, e estas seriam sempre práticas heterossexuais.

Assim, elas precisariam, antes de tudo, aprender sobre práticas sexuais, e são esses ensinamentos que os programas se habilitam a lhes fornecer, para que elas se tornem *jovens heterossexualmente prevenidas*. Por outro lado, é interessante ressaltar que associa-se novamente a AIDS a práticas sexuais e toma-se a edu-

cação sexual como sinônimo de “educação para uma prática sexual protegida” tanto da gravidez quanto do HIV.

Esses são problemas eminentemente femininos, o que os torna quase como uma obrigação da mulher e esse autocuidado não é só de si, mas muitas vezes de toda a sua família.

A produção da identidade sexual "naturalizada" parece atravessar muitos momentos nesses programas. Essa questão tem algumas implicações. Em primeiro lugar, assumo que a sexualidade não é constituída somente pelos significados do Programa em questão ou pela simples reunião de outras práticas de significação presentes em outros artefatos culturais.

Mas, nesse Programa, a forma recorrente de seleção/inclusão de "exemplos", de depoimentos relacionados às vivências de "sucesso" em relação aos/às jovens heterossexuais e, em uma relação binária, as experiências sexuais "que deram errado" para as jovens que contraíram o vírus ou engravidaram, produz sentidos implicados com as questões de gênero e com a construção de uma sexualidade hegemônica.

Dessa forma, mecanismos sutis acabam por governar através do silêncio, produzindo, pelo uso do dispositivo da ausência, por meio da conformação de comportamentos, corpos, emoções, uma sexualidade como moral e "saudentemente" governável. Segundo Britzman (1996), os discursos da naturalidade e da moralidade heterossexual posicionam esta última como a possibilidade.

AMARRANDO OS FIOS... PARA CONCLUIR...

Ao ampliar a noção do termo pedagogia, estendendo-o a diferentes instâncias culturais, caberia novamente perguntar: Que conhecimentos sobre como tornar (-se) uma jovem heterossexualmente protegida estão sendo construídos a partir desses vídeos? Que experiências estão sendo oferecidas para orientarem os/as jovens nos conhecimentos sobre HIV/AIDS? E, ainda, que representações sobre HIV/AIDS estão sendo produzidas/assumidas pelos sujeitos que deles participam?

Ao atentar para os modos como são representadas as identidades sexuais e de gênero nesse material, é possível questionar comportamentos atribuídos culturalmente a uma identidade feminina essencializada, como aqueles que posicionam as jovens como traídas, "inocentemente" envolvidas num triste caso de "amor compartilhado", por exemplo. Inscreve-se, nesse pressuposto uma articulação binária entre masculino e feminino, no interior da qual “os indivíduos são transformados em – e aprendem a se reconhecer como – homens e mulheres no âmbito das sociedades e grupos a que pertencem” (MEYER, 2003, p.17).

Na cadeia discursiva de produção de significados, presentes neste filmete, é possível perceber que as representações sobre corpo feminino, de AIDS, de sexualidade, de gênero, articulam-se entre si, naturalizadas, e nesta direção continuam posicionando as mulheres como responsáveis por cuidar de si, controlar sua sexualidade e manter-se longe da doença e da gravidez.

Conforme alerta Louro (1999), o exercício de desnaturalização dessas representações não é uma tarefa trivial. Torna-se, portanto, importante e necessário atentar para o fato de que se todos os sujeitos são constituídos socialmente, a partir do que é apresentado como norma, seria necessário discutir a norma, duvidar do natural, e não agregar a ela antigos jogos de poder, inscritos nesses discursos por meio de binarismos rígidos em relação ao gênero e a sexualidade.

REFERÊNCIAS

BRITZMAN, D.P. (1996) O que é esta coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*, v.21, n.1, p.71-96, jan./jun.

- DAZZI, M. D. B. (2002) “Prevenir é Sempre Melhor”. Representações de HIV/AIDS nos vídeos produzidos pelo Ministério da Saúde. *Dissertação de Mestrado*. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS.
- FOUCAULT, M. (1998) *A ordem do discurso*. 4. ed. São Paulo: Loyola.
- LOURO, G. L. (1999) Pedagogias da Sexualidade. In :—. (Org.) *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 9-34.
- MEYER, D. E. (2003) Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis/RJ: Vozes, p.09-27.